



PRÁTICA PEDAGÓGICA E REALIDADE LOCAL DA COMUNIDADE EDUCATIVA DA ALDEIA APOENA MEIRELLES, DA ETNIA PAITER SURUÍ

Romero Mopidapen Paiter Suruí (PPGECII/UNEMAT) - romero.surui@gmail.com

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (PPGECII/UNEMAT) – waldineiaferreira@hotmail.com

GT 4 - Educação e Povos Indígenas

Resumo:

O presente trabalho visa mostrar a minha prática docente usando assunto da comunidade local indígena, a aldeia Apoena Meirelles, da etnia Paiter Suruí, localizada na Terra Indígena Sete de Setembro, município de Rondolândia-MT. Neste material, será descrita, refletida ou debatida, uma aula ministrada na Escola Municipal Indígena Sertanista Apoena Meirelles, no dia 08 de agosto de 2019, que tratou o tema mito, especificamente, que assim teve como conteúdo “O mito de origem do milho Paiter Suruí”, que teve como objetivo proporcionar ao discente o despertar do sentimento de valorização dos contos e das ciências indígenas.

Palavras-chave: Prática Docente. Comunidade. Paiter Suruí. Mito. Milho.

1 Introdução

Após o vigor da Constituição Brasileira de 1988, os povos indígenas intensificaram suas lutas em defesa das suas resistências e conquistaram vários direitos importantes, em várias áreas, e especialmente na Educação Escolar Indígena. Fruto disso, com certeza é que na atualidade as questões indígenas, sejam culturais, cosmológicas, organizacionais, e outras fazem parte de reflexões e de espaço no currículo escolar. Não só o jeito de ensinar e os conteúdos fazem parte, mas também a própria estrutura escolar dentro da localidade indígena, ela deve ser organizada e dirigida conforme o anseio da comunidade indígena.

Pode-se reconhecer que houve algum avanço importante, em relação à Constituinte de 1988. Pois antes de desse acontecimento, o estado brasileiro somente praticava junto aos povos indígenas, a educação integracionista. Diante disso, como consequência das lutas dos povos indígenas, posso dizer que as atividades do objeto do presente trabalho, evidenciam que diferencia a atuação docente na escola indígena, da que era atuada no tempo em que educação estava na competência da Funai (Fundação Nacional do Índio), pois os conteúdos escolares têm como ponto de partida em alguns casos, pelo menos, os assuntos que envolvem as situações das realidades da comunidade indígena.

As atuações, as atividades e as concepções dos docentes indígenas em sala de aula, ou em espaços educativos, precisam fortalecer os envolvimento das questões da comunidade como bases para o ensino-aprendizagem dos discentes indígenas, e que atendem a característica diferenciada, específica e intercultural assegurada à política e organização da Educação Escolar Indígena. Isso, com certeza é uma contribuição importante para manutenção da cultura e fortalecimento de autonomia do povo indígena, e especialmente para a minha comunidade educativa. Assim, o uso do material didático produzido pelo próprio indígena é importante para a atuação do professor indígena, pois será um auxílio a mais no processo de prática pedagógica em prol de ensino sobre o conhecimento indígena.

2 Descrevendo a aula sobre mito de origem Paiter-Suruí

Para a realização da aula, elaborou-se um plano de aula que teve como conteúdo programado Milho tradicional Paiter-Suruí, com objetivos de: proporcionar noção e valorizar o conto histórico próprio ou a *ciência indígena* sobre o surgimento do milho e outros cultivos da roça Paiter-Suruí.

No dia 08 de agosto de 2019, às 08 da manhã, na Escola Municipal Sertanista Apoena Meirelles, localizada na aldeia Apoena Meirelles, Terra Indígena Sete de Setembro, município de Rondolândia – MT, ministrei a aula para a turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Primeiramente fiz acolhida dos estudantes explicando que iríamos trabalhar um conteúdo da nossa própria cultura. Dando início às atividades da aula, fiz entrega de livros para a turma, ou seja, foi entregue um material para cada aluno, em seguida, pedi que cada aluno lesse em voz alta cada parágrafo do texto do livrinho intitulado Milho tradicional Paiter-Suruí. Destaco que esse material foi elaborado por mim, durante os meus estudos na graduação na Faculdade Intercultural Indígena – FAINDI da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

No processo de leitura muitos alunos apresentaram dificuldades em pronunciar palavras, este foi um exercício de decodificação da escrita da língua portuguesa. Assim, terminado a leitura do texto do livrinho, comecei a explicação do assunto, que motivaram os alunos a se surpreenderem com acontecimentos dos casos contados, devido alguns momentos do conto serem surreais, como por exemplo, uma “luz” saindo da parte genitália de uma mulher. Após término da explicação, conforme o planejado, pedi que os discentes escrevessem ou desenhassem os momentos mais marcantes ou os

que mais havia chamado a atenção de aluno. Como tinha dado um exemplo acima, a maioria dos alunos desenhou o momento que “luz cumprida” tirava os frutos *lolongá* para a mulher que a “carregava” na sua barriga, e o momento que a “luz cumprida” foi cortada ao meio pelo pai da mulher. É preciso destacar que os alunos realizaram pinturas dos desenhos.

Após o recreio ou intervalo, retomamos as atividades, onde pedi que os alunos falassem os nomes de comidas feitas pelo milho conhecidas por eles, e conforme falavam eu escrevia na lousa. Depois que eles terminaram de falar, pedi que escrevessem no caderno pequenos textos sobre esses alimentos e junto aos textos que também desenhassem os produtos tradicionais que o povo Paiter-Suruí cultivam. E sem tanta dificuldade, os alunos escreveram e desenharam os mais conhecidos como, o cará, o amendoim, o inhame, o cará-roxo e a mandioca.

Desse relato analiso dois pontos principais, o primeiro a importância de se trabalhar na escola os conhecimentos, a cultura, os saberes do povo Paiter-Suruí. Esse trabalho faz parte de uma política indígena na produção da escola específica, intercultural e bilíngue como sinaliza Brasil, 1988. Uma escola que desenvolva práticas pedagógicas que valorizem o contexto em que vivemos, pois antes, os conteúdos e as formas de estudar eram sempre atendendo os interesses não indígenas. Compreendo que “A escola tem um papel fundamental no processo da constituição identitária dos estudantes [...]”. (SANTIAGO; AKKARI; MARQUES, 2013). Como os autores citados, entendo que a escola tem função ampla, pois além de ensinar os conhecimentos científicos e técnicos, de alguma maneira, na escola indígena também contribui para a valorização e fortalecimento da identidade.

O relato da aula é simples, mas é complexo enquanto política de fortalecimento cultural e de aprendizagens escolares sobre o próprio povo, mas também de aprendizagens da língua portuguesa. Paulo Freire (1996) vai nos ensinar que a educação escolarizada precisa ser construída com autonomia, e quando professores indígenas organizam uma aula a partir dos saberes do próprio povo, quando utilizam livros de autoria indígena e do próprio povo, neste século XXI, é utilizar de autonomia, e esse é o segundo ponto, a autonomia. O uso da autonomia contribui para que a escola indígena possa ajudar a fortalecer a cultura, a organização social, a cosmologia, a identidade do povo ou comunidade onde está inserida. Na educação escolarizada, uma ação muito importante é a produção de materiais didáticos e atualmente há vários livros que hoje são produzidos por indígenas, dentre esses, há materiais bilíngues. Sobre isso os

autores dizem que “neste novo período foram produzidos materiais didáticos alternativos e programas de educação bilíngue que, apesar de ainda buscarem uma melhor ‘integração’ dos grupos às sociedades nacionais, reconheciam o direito desses povos de fortalecer e manter a cultura local” (CANDAU; RUSSO, p. 156, 2010).

O que quero dizer é que esses materiais didáticos ou da literatura indígena são fundamental para a produção de identidades. Existem dificuldades de se fazer uma educação indígena desejada, mas há experiências como essa que apresentei. Um jeito próprio, então, é importante dizer que desde cedo, alunos indígenas entendem que o seu povo tem o seu próprio jeito de explicar o surgimento das coisas, é uma das estratégias importantes para o desenvolvimento de conteúdos transversais, no sentido de construir e adotar um modelo pedagógico capaz de atender as garantias legais para a escola indígena e o anseio da maioria da comunidade educativa. O empenho dos alunos em realizar as atividades, os desenhos e falar os nomes e sobre os produtos cultivados tradicionalmente, mostra que há chance de desenvolver em sala de aula, as atividades inovadoras que atendam a peculiar realidade da comunidade. Esse entendimento é reforçado e aperfeiçoado, em outras palavras quando a atividade criadora do ser humano que possibilita a transformação objetiva da natureza, é também, objetiva e subjetiva do próprio ser humano, e assim, tem como característica fundamental a mediação do instrumento, que se interpõe entre o sujeito e o objeto da atividade, sendo o objeto da atividade os instrumentos postos no desenvolvimento da mesma (FILHO; PONCE; ALMEIDA, 2009). O instrumento de uso na aula, o objeto foi o livro onde a escrita em língua portuguesa foi um grande desafio, pois as crianças Paiter são falantes da língua materna. Dessa situação resultou uma avaliação em dois sentidos, um deles é que os alunos não tiveram a facilidade de fazer a leitura oral da escrita do texto, mesmo que foram envolvidos e se esforçaram a realizar todas as atividades da aula. A outra avaliação, é que demonstraram diante desta dificuldade o quão forte e a dominância da língua materna no meio da comunidade, e conseqüentemente, no público infantil.

3 Considerações finais

Como tinha dito anteriormente, há de se fazer muita coisa para estabelecer de fato a desejada educação escolar indígena para os povos indígenas. Temos percebido avanços legais, mas nem sempre assegurados na efetividade.

No tocante a aula e em relação ao conteúdo, mesmo que tratando da cultura Paiter Suruí, é preciso avaliar que podemos trabalhar outros, conteúdo a serem planejados,

estudados e ensinados dentro de um caráter transversal e intercultural abordando os conhecimentos ocidentais e conhecimentos indígenas. Especificamente sobre a aula e analisando o desenvolvimento das atividades da prática pedagógica abordando o assunto mito de origem do milho Paiter Suruí, percebi que devido ao uso de língua Paiter Suruí (fala e algumas escritas) e de escrita não-indígena no livro didático, fez com que os discentes tivessem dificuldades em leitura e descrição formal de raciocínio acerca da certa tarefa. Ou seja, havendo uso de duas línguas nas atividades de série inicial da escola indígena da aldeia Apoena Meirelles, há predominância de língua materna no meio convívio estudantil indígena. Assim, mesmo que os alunos tenham dificuldade em língua não-indígena (portuguesa), pode-se considerar que têm desempenho estável, pois têm compreensão, comprometimento e letramento em assuntos diversos. Ademais que a aprendizagem sobre coisas não-indígenas, nos dias atuais, é intensa e rápida.

Nessa perspectiva, esforçar para construir conteúdos e materiais didáticos para efetivar uma educação de qualidade com característica diferenciada, específica, intercultural e bilíngue, certamente é um dos objetivos dos professores indígenas, aonde me incluo. Não podemos mais esperar a boa vontade das instituições públicas responsáveis pela educação escolar indígena, em implementar políticas e projetos que atendam as garantias estabelecidas para a educação dos povos indígenas. E, nesse sentido a aula sobre um dos mitos do povo Paiter Suruí, é uma construção política de nesta escrita expressar que precisamos de materiais escritos na nossa própria língua.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. *Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa*. Curitiba. Rev. Diálogo Educ.v. 10, n. 29, p. 161-169, 2010.

FILHO, Irineu A. Tuim Viotto; PONCE, Rosiane de Fátima; ALMEIDA, Sandro Henrique Vieira de. *As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola*. São Paulo. Psic. da Ed. 29, p. 27-55, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTIAGO, Mylene Cristina; AKKARI, Abdeljalil; MARQUES, Luciana Pacheco.
Educação Intercultural: Desafios e possibilidades. Rio de Janeiro. Vozes, 2013.